

SONORA
Brasil
REGIÕES

Circuito Nacional de Música

MÚSICA DO NORDESTE DO BRASIL



Direitos reservados / Coleção particular

LIA DE ITAMARACÁ E CONJUNTO



Projeto Sonora Brasil é parte integrante do trabalho de formação de platéias que o SESC desenvolve na área da música em todo o país, fundamentado na difusão de toda a diversidade cultural possível existente no acervo produtivo elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Atuando no âmbito de um circuito nacional, a iniciativa do SESC tem por objetivo difundir programas consistentes, efetivamente culturais, identificados com o desenvolvimento histórico da música no Brasil, dos primórdios aos tempos atuais, promovendo a ampliação e qualificação do nível de cultura musical das platéias, através da difusão de programas que venham a compor um painel significativo de parte expressiva da produção musical de nosso país, priorizando aquelas que, por seus valores intrínsecos e qualidade indiscutível, não encontram espaço regular nos meios de comunicação em geral, ausentes, conseqüentemente, dos processos usuais de posicionamento mercadológico.

A realização do Projeto Sonora Brasil, em seu sexto ano de desenvolvimento, representa a concretização dos objetivos socioculturais do SESC, contribuindo para o processo de desenvolvimento pluralista da sociedade, levando a informação musical aos mais distantes pontos do país.

Wagner Campos
Assessoria técnica em música
DN/DPS/GCL



APRESENTAÇÃO

"A originalidade das idéias felizes, o encanto das imagens surgidas de um assunto trivial, a sutileza, enfim, do pensamento, tudo perfeitamente acabado em seu natural, é obra de arte pura e sadia. Criando raízes, elas se vão alastrando mais e mais, tornando-se indefinidas, longínquas, até que um dia ressurgem aqui e ali, brotando, cristalinas na alma do povo ... distinguindo nações."

Baptista Siqueira

A música do povo do Brasil constitui importante patrimônio cultural do país, representada por uma diversidade de gêneros distintos e originais, fruto da miscigenação de índios, brancos e negros.

O canto autóctone dos primeiros povoadores de nossa terra, unitônico e de caráter acentuadamente nostálgico, servia, em geral, para acompanhar as danças, tendo estas, reconhecidamente, grande influência em nosso desenvolvimento coreográfico. Dos instrumentos musicais indígenas contamos com os chocalhos e os pífanos, primeiramente feitos de coco e ossos de animais, bem como uma certa diversidade de membranofones de variadas características.

Do homem branco herdamos o meio dominante de nossa música, como elemento de fusão com outras culturas e pela própria ascendência do colonizador. Herdamos a quadratura estrófica, o sentido tonal harmônico, as formas lírico-melódicas, etc., bem como o instrumental específico europeu, destacadamente as violas, a guitarra, os diversos tipos de aerofones e o grupo dos arcos.

Oriundos de várias nações, os povos africanos vindos para o Brasil apresentavam características diversas, entre costumes, línguas e comportamentos, estabelecendo assim cultos religiosos variados. De uma forma genérica, a sua riqueza musical vem do ritmo, através da combinação de uma infinidade de instrumentos de percussão de tamanhos e timbres diversos, favorecendo acentuadas práticas polirítmicas sempre voltadas para a dança, produzindo, em combinação com as vozes, um conjunto rico e original. A contribuição musical do negro se revela, pois, extensa e fecunda, apresentando as características determinantes de sobrevivência de seus cantos e danças, contribuindo de forma efetiva para a formação de nossa "sonora" típica e diversificada.

Paralelamente, como forma de difusão a música tradicional do povo apresenta em geral características marcantes calcadas na oralidade, guardada na memória de indivíduos iletrados, inserida em contextos mais amplos de comunidades ágrafas, determinando, de modo único, formas diferenciadas de permanência, de manifestação espontânea envolta no anonimato.

Por tudo isso, a abordagem dos modos de produção e difusão da música do povo, em seu aspecto contemporâneo de manifestação viva, é assunto conseqüente, de importância evidente para uma ampla compreensão de nossa cultura, tendo na diversidade seu principal elemento de riqueza e distinção.

Wagner Campos



*maria madalena
correia do nascimento*

Lia rainha, elegante, bela negra, faceira, magnífica, graciosa, soberba, encantou a platéia com sua ciranda incomparável que ela canta e dança como uma deusa, com a leveza de mil anjos.

(woden Madruga, Tribuna do Norte-RN)

A autenticidade de seu canto, de sua arte, enfim, impressionou os cirandeiros improvisados no Dragão do Mar. Alguns chegaram a beijar sua mão, numa demonstração clara de reconhecimento a sua majestade. Muitos outros, mais tímidos, limitaram suas declarações de admiração a gritos de "maravilhosa" e aplausos fartos.

(Emerson Maranhão, O POVO/Fortaleza)

Nascida na Ilha de Itamaracá, Maria Madalena Correia do Nascimento, ou simplesmente Lia, começou a cantar ciranda desde cedo, já aos doze anos e não parou mais. Aos dezoito, Lia tornou-se conhecida em todo o Brasil, interpretando a composição do grande Baracho, "Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá". Em novembro de 1997, a Ciranda Produções inicia um trabalho com a artista, mas o marco definitivo do retorno de Lia foi a antológica apresentação no Abril Pro Rock - 98, onde doze mil pessoas, jovens na sua maioria, se embalaram ao som das cirandas, como num transe coletivo. Em novembro de 1999, a cantora inicia seu espetáculo CIRANDA DE RITMOS, apresentando-se com convidados durante sete meses, semanalmente, em vários espaços pernambucanos e inclusive fora do estado. O projeto, além de colocar Lia definitivamente nos circuitos de espetáculos da região, possibilitou a produção de seu primeiro CD "EU SOU LIA".

Símbolo da cultura do povo do Nordeste, a cirandeira vem realizando apresentações em vários estados brasileiros, alcançando reconhecimento de crítica e de público em geral.

ILHA DE ITAMARACÁ

BIBIU

Trompetista, estudou na Filarmônica Santa Cecília em Campina Grande-PB

Atua em "orquestras" de Baile, de frevo, e em diversos blocos carnavalescos.

Trabalha com Lia de Itamaracá desde julho de 1999.

ANTONIO JAIME

Saxofonista, estudou com o maestro Paulo Cavalcanti, na Escola Engenho São João, na Fábrica de Francisco Brennand - na Varzea em Recife-PE.

Aos 16 anos, começou seus estudos musicais com o clarinete e depois o saxofone.

Atua em "Orquestras" de Baile, de Frevo, e em diversos Blocos carnavalescos.

Trabalha com Lia de Itamaracá desde novembro de 1999.



GANGA

Percussionista (Alfaia, zabumba, Ganzá), iniciou sua carreira musical no Maracatu Camaleão, atuando de 1990 a 1999 com mestre Marcio.

Atua em vários grupos de cultura popular, escolas de samba e grupos de Maracatu.

Trabalha com Lia de Itamaracá desde março de 2002.

BIU NEGÃO

Trombonista, iniciou seus estudos musicais na Escola de Belas Artes de Pernambuco com o maestro Marcio Cância.

Atuou na Banda de Música da Base Aérea-PE e na Banda Sinfônica de Jaboatão dos Guararapes, sob a regência do Maestro Antonio Albuquerque. Atua também como Maestro da Banda de Música de Taguatinga do Norte e trabalha com Lia de Itamaracá desde junho de 1999.

CIRANDA

Dança popular cantada, de origem portuguesa, acredita-se que o termo CIRANDA tenha vindo do castelhano *zaranda*, sendo este um utensílio de peneirar farinha. Bastante generalizada em todo o Brasil, a CIRANDA tem seu predomínio no universo infantil das danças de roda, existindo também como roda adulta, a exemplo da tradição portuguesa. No sul de Minas Gerais, divisa com a Bahia, é também conhecida com o nome de Serandina, uma variação da *Seranda* Minhota praticada em Portugal. Em sua forma de dança os pares, de braço, fazem a roda. Durante o refrão todos seguem na mesma direção, depois os homens dão a mão às mulheres, dando meias voltas para a esquerda e à direita.

*"Esta moda de Ciranda
É uma moda bem ligeira
Faz andar as raparigas
Com o trigo na joeira".*

Esta moda, muitíssima conhecida, é talvez contemporânea da primitiva alfaia agrícola, a ciranda, que serve para "joeirar" o trigo.



MARACATU

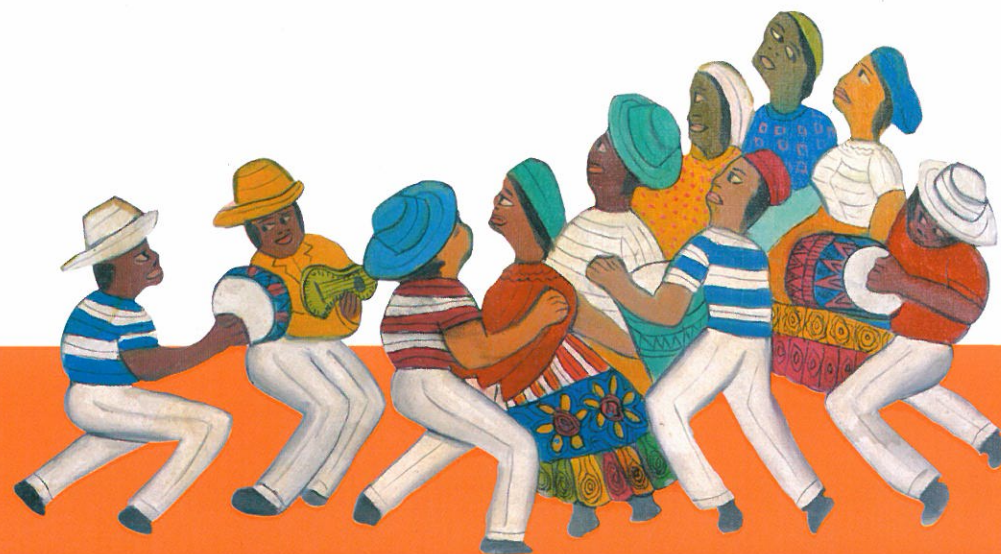
De origem marcadamente Africana, o MARACATU é um cortejo real cujas práticas são reminiscências das festas de coroação de reis negros, eleitos na instituição do Rei do Congo. Os negros trazidos para o Brasil como escravos, a partir de 1538, pertenciam a várias tribos e regiões do continente africano, entre angolas, criolos, nagôs, daomés e congos. Aqui chegados, continuaram com seus usos e costumes, reunindo-se em torno de seus chefes, cantando e dançando suas danças e, principalmente, praticando suas religiões. Reconhecidamente, destas nações de negros era a dos Congos a que mais se destacava dentro das associações das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que em determinados períodos realizava as festas de coroação dos seus soberanos. Ao referido rei cabia, entre outros, inspecionar e manter a ordem entre os pretos, contando, para tal, com a proteção dos “senhores brancos” e com o beneplácito da Igreja Católica. A notícia mais antiga sobre a instituição do Rei do Congo vem de 1674, no Recife, onde tais coroações chegaram até o final do século XIX. Com o decorrer dos anos, as coroações dos Reis do Congo transformaram-se no nosso MARACATU, um cortejo de coroação que conta com várias figuras, entre elas o Rei e a Rainha, as calungas, os arqueiros, baliza, porta-estandarte, damas de frente, etc.

Do ponto de vista musical, chama-se toada o texto e a melodia de um cântico, sendo comum chamar a composição de “toada de Maracatu”, tendo no “toque” o terceiro elemento de ocorrência musical, ou seja, o acompanhamento feito nos instrumentos de percussão. Geralmente, a cantoria das toadas observa a tradição do canto a uma voz e o diálogo entre solista e coro, ocorrendo, às vezes, todo o canto em conjunto. Ainda hoje o MARACATU tradicional preserva características dos cantos africanos, mas à medida em que os folguedos se vão afastando de suas reminiscências a música vai adquirindo novos contornos, caracterizando a musicalidade brasileira do MARACATU.

FREVO

Dança de rua e de salão, o FREVO é uma marcha de ritmo sincopado, em tempo binário e andamento muito rápido, popularíssimo no carnaval de Pernambuco, seu local de origem. Derivado da polca militar, ou polca-marcha, seu surgimento data da primeira década de 1900, tendo sido a expressão registrada no *Vocabulário Pernambucano*, de Pereira da Costa e no *Dicionário de Brasileirismos*, de Rodolfo Garcia. Pelo ritmo sincopado ser muito contagiante, considera-se que o termo FREVO tenha vindo da palavra “frevor” (ferver), alusivo ao comportamento igualmente contagiante das multidões de dançarinos. Em termos musicais o FREVO, em geral, apresenta-se dividido em duas partes, tendo no diálogo entre trompetes e trombones uma de suas principais características. Atribui-se ao capitão José Lourenço da Silva, ensaiador das bandas da Brigada Militar de Pernambuco, o estabelecimento da linha divisória entre o FREVO e a polca-marcha, exemplificando, por esta origem, a presença marcante de instrumentos de metal, especialmente trompetes, nas orquestras de FREVO. De desenho melódico acentuadamente sincopado e ritmos originais, este gênero musical apresenta-se como um dos mais apreciados na música do nordeste do Brasil. No entanto, o grande interesse do FREVO está na sua coreografia, dançada em roda ou em marcha, composta de passos extremamente originais que, aliás, segundo Manuel Diegues Junior, “passo” foi sinônimo de FREVO, citando em seu livro *O negro no Brasil*: “Passo se exemplificaria melhor ser o ritmo que movimenta o povo, dançando as marchas carnavalescas. O frevo, o conjunto desses passos.”

Wagner Campos



ANOTAÇÕES

COCO

Dança popular de roda, o COCO, tradicionalmente, é acompanhado de canto e instrumentos de percussão tais como o pandeiro e o ganzá, entre outros.

Acredita-se que sua origem esteja ligada aos cantos de trabalho dos negros dos Palmares, ocupados na tarefa de quebrar o coco, resultando uma cantiga ritmada pela cadência das pedras partindo o fruto. Ainda assim, reconhece-se também uma influência indígena em sua formação, traduzida na disposição coreográfica dos seus bailados, formada por uma roda com um solista no centro. Apresentando enorme variedade de tipos, os COCOS são representados por uma diversidade de elementos, que tomam seus nomes dos lugares em que são executados (coco de praia, de usina, etc.), do instrumental com que são acompanhados (coco de zambê, de ganzá, etc.), de suas formas poéticas (coco de oitava, coco de décima), entre outros.

Do ponto de vista musical, os COCOS se apresentam geralmente nos compassos 2/4 ou 4/4, em uma forma estrofe-refrão, sendo a estrofe fixa, cantada a solo e o refrão cantado em coro, como resposta aos versos do solista, ou seja, do "tirador de coco". Por isso mesmo, entende-se que o COCO é, das formas musicais populares do Brasil, a que mais interesse coral apresenta, visto sua importância estrutural. Conhecido desde a segunda metade do século XVIII, o COCO foi também dançado nos salões da sociedade em Alagoas e na Paraíba, com acompanhamento da cítara.



TOINHO

Companheiro e músico de Lia há 25 anos, Toinho é um veterano percussionista nos grupos de cultura popular de Pernambuco, tendo acompanhado durante vários anos o tradicional Maracatu Elefante e Indiano, além de orquestras de frevo. Seu aprendizado se deu nas ruas de Recife e ladeiras de Olinda, onde nas festas juninas, natalinas e carnavalescas atua em vários grupos.

KINHO DOS CAETÉS

O percussionista (surdo, congas e gongô) vem de tradicional família de "coquistas", da periferia da grande Recife.

Acompanhou vários artistas, a exemplo de Aurinha do Coco, D. Selma do Coco, Marcelo Santana, entre outros. Kinho desenvolve várias oficinas com crianças e adolescentes em sua comunidade; realizando importante trabalho de educação musical. Atua com Lia de Itamaracá desde dezembro de 1998.

CIRANDAS

QUEM ME DEU FOI LIA

BARACHO

ESTAVA NA BEIRA DA PRAIA
OUVINDO AS PANGADAS DAS ONDAS DO MAR
ESSA CIRANDA QUEM ME DEU FOI LIA
QUE MORA NA ILHA DE ITAMARACÁ

A MÚSICA, CONHECIDA COMO O HINO DA CIRANDA, TORNOU LIA DE ITAMARACÁ CONHECIDA EM TODO BRASIL. FOI GRAVADA PELA PRIMEIRA VEZ EM 1967 POR TEGA CALAZANS, E DEPOIS POR EDU LOBO, CLARA NUNES, NEY MATOGROSSO, BARACHO E, FINALMENTE, EM 1978, PELA PRÓPRIA LIA.

MOÇA NAMORADEIRA

LIA DE ITAMARACÁ

O MOÇA, NAMORADEIRA
LÁ NA PORTEIRA
ONDE OS PÁSSAROS CANTAVAM
ELA GORAVA
SE LAMENTAVA
POR TER PERDIDO
O AMOR.
QUE TANTO AMAVA.

A MÚSICA COMPOSTA POR LIA AINDA NA ADOLESCÊNCIA FOI GRAVADA EM 1992 POR NEY MATOGROSSO.

MINHA CIRANDA

CAPIBA

MINHA CIRANDA. NÃO É MINHA SÓ
ELA É DE TODOS NÓS. ELA É DE TODOS NÓS
A MELODIA. PRINCIPAL QUEM TIRA.
É A PRIMEIRA VOZ. PRIMEIRA VOZ
FAZENDO UMA RODA
CANTANDO UMA CANÇÃO.

NO DISCO EM COMEMORAÇÃO AOS 80 ANOS DE CAPIBA. LIA FOI
CONVIDADA A GRAVAR A MÚSICA. PELA PRIMEIRA VEZ.

PRETA GIRANDEIRA

NERES E SAÚDE

OLHA EU VI
UMA PRETA GIRANDEIRA
DANÇANDO
COM UM GANZÁ NA MÃO.
CANTANDO CIRANDAS. ANIMADA
NO MEIO DE UMA MULTIDÃO
MENINO EU PAREI

E FIQUEI OLHANDO
A PRETA PEGOU A IMPROVISAR
EU PERGUNTEI
QUE NEGRA É ESSA?
SOU LIA DE ITAMARACÁ

A CIRANDA VAI. VAI
A CIRANDA VEM. VEM
A CIRANDA SÓ PRESTA NA PRAIA
FRÁGENTE DANÇAR MAIS UM BEM

LIA DE ITAMARACÁ PERSONIFICA MUITAS VEZES A PRÓPRIA CIRANDA.
SENDO ASSIM ELA FOI FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA MUITOS
COMPOSITORES.

DOUTOR JORGINHO

LIA DE ITAMARACÁ E TINA BORGES

DOUTOR JORGINHO
PASSOU ORDEM A GAMBITEIRO
NÃO VENDER CANA.
A MOTORISTA E COBRADOR.
DR JORGINHO ISSO É UMA DERROTA
UMA CANA PIQJOTA
SE A MOÇA PEDIR. EU DOU.

DR JORGINHO. DIRETOR DA PENITENCIÁRIA AGRÍCOLA DA ILHA DE
ITAMARACÁ. NOS ANOS SETENTA. ONDE LIA SE APRESENTAVA PARA OS
PRESOS E FAMILIARES. PROIBIA A VENDA DE CANA.

CANTAR DA SEREIA

LIA DE ITAMARACÁ

COMO É BONITO
VER O VERDE DO MAR
AONDE VIVE A SEREIA
VAMOS MINHA GENTE
VAMOS LÁ

VAMOS LÁ
PRO BEIRA MAR
OUVIR
O CANTAR
DA SEREIA

HOMENAGEM DE LIA À MÃE IEMANJÁ

JANAÍNA

TRADIÇÃO ORAL

ESTAVA NA BEIRA DA PRAIA
VENDO O BALANÇO DO MAR
QUANDO VI
UMA LINDA SEREIA
E EU. COMECEI A CANTAR
OH JANAÍNA
VEM VER
OH! JANAÍNA VEM CÁ
RECEBER ESSAS FLORES
QUE EU VOU
LHE OFERTAR

MÚSICA DE TERREIROS



MAMÃE OXUM

TRADIÇÃO ORAL

EU VI
MAMÃE OXUM
NA CACHOEIRA
SENTADA NA BEIRA DO RIO
COLHENDO LÍRIO. LÍRIO EH
COLHENDO LÍRIO. LÍRIO AH
COLHENDO LÍRIOS
PRÁ INFEITAR . O SEU GONGAR
COLHENDO LÍRIO. LÍRIO EH
COLHENDO LÍRIO. LÍRIO AH
COLHENDO LÍRIOS
PRÁ ENFEITAR VOSSO GONGAR.

MÚSICA DE TERREIROS.

PEDRA FINA

TRADIÇÃO ORAL

TAVA SENTADA
NA PEDRA FINA
O REI DOS ÍNDIOS
MANDOU CHAMAR

CABOCLO ÍNDIO
ÍNDIO AFRICANO
CABOCLO ÍNDIO
DO JUREMÁ

COM MINHA FLECHA
EU ME DEFENDO
DEFENDO AQUELES
QUE ME QUER BEM

CABOCLO ÍNDIO
ÍNDIO AFRICANO
CABOCLO ÍNDIO
DO JUREMÁ

CASA DE FARINHA

TRADIÇÃO ORAL

MANDEI FAZER
UMA CASA DE FARINHA
BEM MANEIRINHA
QUE O VENTO
POSSA LEVAR
OH PASSA A CHUVA
PASSA O SOL
E PASSA O VENTO
SÔ NÃO PASSA
O MOVIMENTO
DA CIRANDEIRA
A RODAR

A MÚSICA FAZ PARTE DO REPERTÓRIO DE
VÁRIOS CIRANDEIROS E CIRANDEIRAS.

CIRANDEIRO. CIRANDEIRO OH

TRADIÇÃO ORAL

OH CIRANDEIRO
CIRANDEIRO OH
A PEDRA DO SEU ANEL
BRILHA MAIS
DO QUE O SOL
QUANDO EU PEGO
A MINHA CAIXA DE GUERRA
AS CIRANDEIRAS
FIGAM TODAS ANIMADAS
CIRANDEIRAS DO MEU CORAÇÃO
MEU AVIÃO VAI POUSAR
EM OUTRA ESTRADA.

UM CLÁSSICO. A MÚSICA FAZ PARTE DO REPERTÓRIO DE VÁRIOS
ARTISTAS POPULARES.



VIM DE RECIFE

BARACHO

VIM DE RECIFE
E UM RAPAZ ME PERGUNTOU
SE NA GIRANDA QUE VOU
AINDA TEM MUITAS MORENAS
EU DISSE TEM.
LOURA, MORENA MULATAS
DAQUELAS QUE A MORTE MATA
E DEPOIS CHORA COM PENA.

TRADICIONAL CIRANDA CANTADA POR VÁRIOS CIRANDEIROS.

OH SE BALANÇA, SE BALANÇA

FERNANDO BORGES

OH SE BALANÇA, SE BALANÇA
NÃO SE BALANÇAR
OH SE BALANÇA, SE BALANÇA
PRÁ LÁ E PRÁ CÁ
ESSA CIRANDA
EU TIREI DE LIA
QUE NÃO SABIA
QUE ESTAVA NO SEU OLHAR
O CIRANDEIRO
BALANÇA ESSA CIRANDA

QUE A GIRANDEIRA AGORA É QUEM VAI SE BALANÇAR

COMPOSTA ESPECIALMENTE PARA A GRAVAÇÃO DO
PRIMEIRO DISCO DE LIA.

SANTA TERESA

LIA DE ITAMARACÁ

EU VOU LÁ PRO RIO DE JANEIRO
EU VOU LÁ PRA SANTA TERESA
É LÁ QUE SE ENCONTRAM OS ARTISTAS
NORDESTINOS DA VENEZA BRASILEIRA.

SANTA TEREZA, BAIRRO CARIOCA ONDE LIA SE SENTE EM CASA.

MAL DE AMOR

NERES E SAÚDE

EU TENHO UMA PAIXÃO
DOENDO O CORAÇÃO
QUE NÃO TEM
JEITO A DAR
A MEDICINA
NÃO FORMOU DOUTOR
PRÁ CURAR MAL DE AMOR
OLHA, O REMÉDIO É CHORAR

ELE NÃO SABE O QUE É AMOR

BARACHO

ELE NÃO SABE
O QUE É AMOR
E EU NÃO POSSO VIVER
SEM ELE
TAVA DORMINDO
AGORDEI SONHANDO
PUXANDO OS FIOS
DO CABELO DELE

CIRANDA DO AMOR

JOÃO GUABIRA E EDSON VIEIRA

QUERO QUANTAS ESTRELA TÊM NO CÉU
QUERO SABER QUANTOS PEIXES TÊM NO MAR
QUERO SABER QUANTOS RAIOS TÊM NO SOL
EU SÓ DESEJO É A LUA DO TEU OLHAR
NÃO SEI MEU AMOR
NÃO SEI MEU AMOR
NÃO SEI E NEM POSSO FALAR
SÓ SEI MEU AMOR
SÓ SEI MEU AMOR
FOI NA CIRANDA
QUE APRENDI A TI AMAR

EU SOU LIA "GIRANDA DE LIA"

PAULINHO DA VIOLA

EU SOU LIA, LIA DA BEIRA DO MAR
MORENA QUEIMADA DO SAL E DO SOL
DA ILHA DE ITAMARACÁ
VEJO O FIRMAMENTO
VEJO O MAR SEM FIM
E A NATUREZA, AO REDOR DE MIM
ME CRIEI CANTANDO
VENDO O CÉU E O MAR
NAS PRAIAS DA ILHA DE ITAMARACÁ
NAS PRAIAS DA ILHA DE ITAMARACÁ

MÚSICA TÍTULO DO SEU PRIMEIRO CD, LANÇADO EM 2000



COLOS

O MEU CACHORRO PERI

O MEU CACHORRO PERI
BEBEU ÁGUA NO CANAL
O MEU CACHORRO PERI
BEBEU ÁGUA NO CANAL
É MENTIRA DE VOCÊS
CACHORRO SABE NADAR

EU FUI PRÁ ESCOLA

EU FUI PRÁ ESCOLA
APRENDER O BEABÁ
EU FUI PRÁ ESCOLA
APRENDER O BEABÁ
A. B. C. C D A

CARNEIRO

CARNEIRO
QUANDO SE BANHA
METE O PÉ SACODE A LÃ
CARNEIRO QUANDO SE BANHA
METE O PÉ, SACODE A LÃ
OLÊ, OLÊ O LÃ
O GALO CANTA, É DE MANHÃ
OLÊ, OLÊ O LÃ
O GALO CANTA É DE MANHÃ

CASOU

CASOU, MOROU
NÃO PRESTOU MANDA ELE EMBORA
MAS A MULHER
QUANDO TEM O SEU AMOR
E ELE PERDE SEU VALOR
POR HOMEM NÃO GHORA

MARACATUS

CORTADOR CORTA O BARALHO

CORTADOR CORTA O BARALHO
QUE EU NÃO QUERO CORTAR MAIS
CORTEI DAMAS. CORTEI REI
CORTEI VALETE E CORTEI AS

O PASSARINHO

SEU BEZERRA

O PASSARINHO
QUE VIVE PRESO NUMA GAIOLA
NINGUÉM SABE COM CERTEZA
SE ELE CANTA OU SE ELE CHORA
MAS ELE CHORA
O COITADINHO
QUANDO CANTA COM SAUDADES
QUE ELE SENTE DO SEU NINHO

AJOELHA. AJOELHA

AJOELHA. AJOELHA
AJOELHA NO COLO DE IAIÁ
AJOELHA MINHA GENTE. AJOELHA
AJOELHA NO COLO DE IAIÁ

[IMPROVISACÃO]

TODOS OS COCOS SÃO DE DOMÍNIO PÚBLICO. A EXCEÇÃO DE
PASSARINHO. DE AUTORIA DE SEU BEZERRA.

CORDA IMPERIAL

MEU MARACATU É DA CORDA IMPERIAL
MEU MARACATU É DA CORDA IMPERIAL
É DE FERNAMBUCO
ELE É DA CASA REAL

A BONECA É DE CERA
CERA E MADEIRA
A BONECA É DE CERA
CERA E MADEIRA.

NAGÔ. NAGÔ

NAGÔ. NAGÔ
A NOSSA RAINHA
JÁ SE CORDOU
JÁ SE CORDOU. JÁ SE CORDOU
A NOSSA RAINHA. JÁ SE CORDOU
NAGÔ. NAGÔ. NAGÔ
A NOSSA RAINHA JÁ SE CORDOU
JA SE CORDOU. JÁ SE CORDOU
A NOSSA RAINHA. JÁ SE CORDOU

BATUQUEIRO

BAPIBA

BATUQUEIRO. QUE BAQUE É ESSE ?
É O BAQUE DE VOSSA ALTEZA
E NÃO HÁ. MAIS UM NOVO BAQUE ?
TEM SENHOR. MAS É SÓ TRISTEZA.

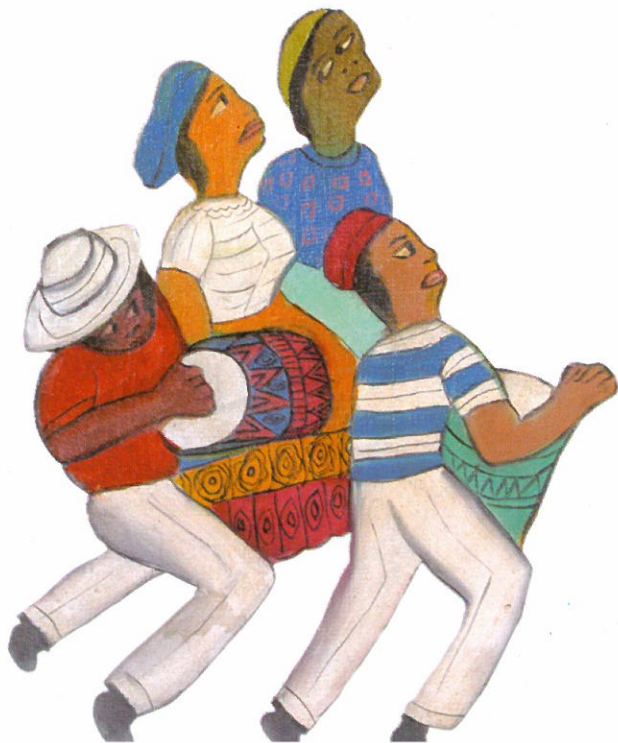
CADÊ GAMBINDA DE OURO.
CADÊ CRUZEIRO DO FORTE
MARACATU ELEFANTE:

OLHO O CEÚ
OLHO PARA O MAR
VERDE MAR. DE NAVEGAR
VERDE MAR.

PRAIA DO JANGA

CAPIBA

EU FUI A PRAIA DO JANGA
PRA VER A CIRANDA
DO SEU GIRANDAR. GIRANDAR
O MAR ESTAVA TÃO BELO
E UM PEIXE AMARELO
EU VI NAVEGAR. NAVEGAR
NÃO ERA PEIXE. NÃO ERA
ERA IEMANJÁ. RAINHA
DANÇANDO A CIRANDA. CIRANDAR
NA BEIRA DO MAR.



VOLTEI RECIFE

LUIZ BANDEIRA

VOLTEI. RECIFE
FOI A SAUDADE
QUE ME TROUXE PELO BRAÇO

QUERO VER NOVAMENTE "VASSOURA"
NA RUA ABAFADO
TOMAR UMAS E OUTRAS
E CAIR NO PASSO

CADÊ TOUREIROS?
CADÊ "BOLA DE OURO"?
"AS PÁS". OS "LENHADORES"
O "BLOCO BATUTAS DE SÃO JOSÉ"?

QUERO SENTIR
A EMBRIAGUÊS DO FREVO
QUE ENTRA NA CABEÇA
DEPOIS TOMA O CORPO
E ACABA NO PÉ

SONORA BRASIL REGIÕES



CIRCUITO NACIONAL DE MÚSICA

CDRM



Centro de Difusão e Realizações Musicais

Uma iniciativa do SESC voltada para a formação de platéias, atuando no âmbito da diversidade musical disponível no acervo de conhecimentos elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

— Salas de Música

— Fonotecas

— Centros de Tecnologias Musicais

— Estúdios de Gravação

Cursos, Oficinas, Audições orientadas, Pesquisas e estudos, Workshops, Gravações musicais.

Acervos fonográficos de referência histórica, Banco digital de partituras, Editoração musical, Bibliotecas musicais especializadas, Projetos culturais de produção de CDs.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

CONSELHO NACIONAL

Presidência

Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção Geral

Albucacis de Castro Pereira

DIREÇÃO DA DIVISÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS

Álvaro de Melo Salmito

PROJETO SONORA BRASIL - Regiões

Circuito Nacional de Música

REALIZAÇÃO

SESC - Departamento Nacional

PROJETO E PRODUÇÃO

DPS - Divisão de Programas Sociais

GCL - Gerência de Cultura e Lazer

DIREÇÃO MUSICAL

Wagner Campos

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Departamentos Regionais do SESC em

AL, PB, PE, CE, DF, MT, TO, AC, AM, PA, RR, AP, SC e PR

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA

DPD - Divisão de Planejamento e Desenvolvimento

GDP - Gerência de Divulgação e Promoção Institucional

DESIGN GRÁFICO

Ruth Marina Lima

ARTE-FINAL

Mario H. Saladini

ILUSTRAÇÃO CAPA

Norbim

"Festa" OST 45 x 60 cm

Direitos Reservados

FOTOGRAFIA DA ILUSTRAÇÃO

Ismar Ingber

SONORA BRASIL - REGIÕES
JULHO/AGOSTO DE 2003
MÚSICA DO SUDESTE DO BRASIL

S E S C
NACIONAL